

FABULAR A VIDA, DESAPRENDER O HUMANO: UM ENSAIO MULTIESPÉCIE COM ISABEL ZAPATA

FABULAR LA VIDA, DESAPRENDER LO HUMANO: UN ENSAYO MULTIESPECIE CON ISABEL ZAPATA

FABULATING LIFE, UNLEARNING THE HUMAN: A MULTISPECIES ESSAY WITH ISABEL ZAPATA

Martina Davidson¹

Resumo

Este ensaio propõe uma leitura de *Um baleia é um país* (2023), de Isabel Zapata, como arquivo multiespécie que tensiona a colonialidade do saber biológico e abre frestas para imaginar pedagogias antiespecistas e decoloniais. A partir de autoras como Ameli (2023), Haraway (2016) e Tsing (2005, 2015), argumento que figuras como a baleia, Laika, o caracol e o murmúrio dos pássaros emergem como co-educadores e espectros pedagógicos. Mais que metáforas, são mundos em si que desestabilizam categorias modernas de classificação e excepcionalismo humano. A partir da experiência de leitura situada — em um aeroporto, no tempo suspenso de um atraso de voo — delineio o que chamo de pedagogia fabulatória multiespécie: não manual didático, mas prática de atenção, convivência e imaginação partilhada. Pergunto, ao longo do texto, o que acontece com o ensino de Biologia quando essa fabulação multiespécie entra em sala de aula, e exploro cenas concretas em que esses deslocamentos podem inspirar práticas educativas.

Palavras-chave: Poesia; Pedagogia multiespécie; antiespecismo; colonialidade; Biologia.

Abstract

This essay offers a reading of *A whale is a country* (2023), by Isabel Zapata, as a multispecies archive that challenges the coloniality of biological knowledge and opens cracks for imagining antispeciesist and decolonial pedagogies. Drawing on authors such as Ameli (2023), Haraway (2016), and Tsing (2005, 2015), I argue that figures like the whale, Laika, the snail, and the murmuration of birds emerge as co-educators and pedagogical specters. More than metaphors, they are worlds in themselves, destabilizing modern categories of classification and human exceptionalism. From a situated reading experience —in an airport, within the suspended time of a delayed flight— I outline what I call a multispecies fabulatory pedagogy: not a didactic manual, but a practice of attention, coexistence, and shared imagination. Throughout the essay, I explicitly ask how such a multispecies fabulation can inform Biology teaching, proposing concrete pedagogical uses of Zapata's poems in classrooms and in initial and continuing teacher training.

Keywords: Poetry; Multispecies Pedagogy; Antispeciesism; Coloniality; Biology

Resumen

Este ensayo propone una lectura de *Una ballena es un país* (2023), de Isabel Zapata, como archivo multiespecie que tensiona la colonialidad del saber biológico y abre grietas para imaginar pedagogías antiespecistas y decoloniales. A partir de autoras como Ameli (2023), Haraway (2016) y Tsing (2005, 2015), sostengo que figuras como la ballena, Laika, el caracol y el murmullo de los pájaros emergen como co-educadoras y espectros pedagógicos. Más que metáforas, son mundos en sí mismos que desestabilizan categorías modernas de clasificación y excepcionalismo humano. Desde una experiencia de lectura situada —en un aeropuerto, en el tiempo suspendido de un retraso de vuelo— delineo lo que llamo pedagogía fabulatoria multiespécie: no un manual didáctico, sino una práctica de atención, convivencia e imaginación compartida. El ensayo se orienta por una pregunta central: ¿cómo puede esta fabulación multiespécie interpelar la enseñanza de la Biología, ofreciendo escenas y propuestas concretas para el aula y para espacios de formación?

Palabras clave: poesía; pedagogía multiespecie; antiespecismo; colonialidad; Biología.

¹ Laboratório de Ética Animal e Ambiental, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: martinaadavidson@gmail.com



1. Introdução

Li, pela primeira vez, *Uma baleia é um país (tradução livre)*² de Isabel Zapata, em um aeroporto, durante um atraso de voo de seis horas. Na ocasião estava retornando de Buenos Aires, após dar um workshop sobre animalidades em chave pós-humana com duas grandes amigues³. Ali, no momento de uma espera incalculada, senti a fissura do tempo da espera tão diferente do tempo produtivo que organiza nossas rotinas. Assim, naquele lugar tão desagradável, abriu-se um parêntese inesperado.

Era um espaço de suspensão, com corpos cansados em poltronas, sons sobrepostos nos alto-falantes, bactérias invisíveis aos meus olhos demasiado humanos, passos apressados que não iam a lugar nenhum. Nesse intervalo forçado, quando a viagem deixou de ter direção, o livro de Isabel Zapata se fundiu às minhas mãos. A leitura não foi planejada, foi um acontecimento, pois não li apenas um conjunto de poemas, mas me deixei atravessar por eles, como quem entra em contato com um organismo vivo.

Zapata escreve de um lugar de fricção entre ciência e poesia — e também provoca fricção no sentido de Tsing (2005), como atrito que produz movimento, mas também no sentido do ch'ixi de Cusicanqui (2024): uma convivência sem síntese, em que saberes distintos permanecem lado a lado, tensionando-se mutuamente. A poesia não absorve a ciência, nem a ciência neutraliza a poesia. Entre elas, abre-se uma zona de instabilidade criadora, de onde emergem novas pedagogias para pensar a vida.

As páginas do livro de Zapata (2023) falam de baleias, cadelas, tardigradas, pássaros — mas não para descrevê-los em chave zoológica, nem para usá-los como simples metáforas humanas ou antropomorfizadas. O que se anuncia é um deslocamento epistemológico em que os seres mais-que-humanos deixam de ser objetos de observação para se tornarem mundos, territórios, companheiros de fabulação. Quando leio que “*uma baleia é um país: não pesa porque não tem anatomia, tem geografia*”, percebo que não se trata de imagem decorativa, mas de uma tentativa radical de pensar esse animal para além da anatomia e da classificação. Uma baleia é país, território em movimento, comunidade habitada.

É a partir desse encontro — entre um tempo suspenso em um aeroporto, a leitura de Zapata e as urgências do ensino de Biologia — que se formulam as perguntas que orientam este ensaio: o que pode acontecer com o ensino de Biologia (e a formação de professores incluída) quando levamos a sério essas fabulações multiespécies? Como baleias-país, cadelas-fantasma, caracóis cuír e murmúrios de pássaros podem desestabilizar a colonialidade do saber biológico e abrir espaço para práticas pedagógicas antiespecistas e decoloniais em escolas, universidades e espaços não formais de educação?

Esse deslocamento nos leva também a tensionar a questão da antropomorfização. Val

² No original, em espanhol, “*Una ballena es un país*”.

³ Citadas em agradecimentos.

Plumwood (2002) alerta que antropomorfizar os animais muitas vezes significa reduzi-los à nossa imagem, obliterando suas formas próprias de agência e existência. O risco é neutralizar a alteridade em nome de uma proximidade ilusória. O gesto de Zapata, contudo, parece outro: não se trata de fazer da baleia um “humano gigante”, mas de desorganizar a lógica humana da anatomia e da classificação. Aqui podemos ler em chave próxima ao movimento proposto por Étienne Souriau (2022), de zoomorfizar o humano em vez de antropomorfizar o animal. O poema desloca não o animal para a gramática humana, mas o humano para imaginar-se como território, como geografia móvel, como corpo-coletivo. É nesse duplo gesto — recusar a redução antropomórfica e, ao mesmo tempo, fabular continuidades possíveis — que a baleia de Zapata se torna pedagógica: não organismo pesado, mas país habitável, que nos obriga a repreender a Biologia desde a fricção entre ciência, poesia e fabulação.

Desde já, deixo explícito que meu interesse não é apenas literário: ao acompanhar esses poemas, procuro testar como eles podem operar como disparadores em contextos concretos de ensino — por exemplo, em disciplinas de Metodologia do Ensino de Biologia, em projetos de extensão com escolas ou em atividades de leitura e escrita com licenciandas/os. O ensaio, portanto, combina uma reflexão conceitual com uma preocupação eminentemente pedagógica, situada no campo do ensino de Biologia.

Esses gestos feitos na obra de Zapata em questão ecoam em debates contemporâneos sobre a pesquisa e a educação em chave multiespécie. Como lembra Ameli (2023), a *etnografia multiespécie* oferece novas formas de abordar questões complexas nas relações entre humanos e animais na pesquisa educacional. Um de seus elementos centrais é a mudança de perspectiva, quando sugere abandonar o olhar que fixa o animal como “objeto” para reconhecer sua agência, sua presença como sujeito que participa da produção de conhecimento. Outro ponto é a possibilidade de incluir os animais como co-pesquisadores, como vozes que não apenas acompanham, mas transformam o processo. Ao lado disso, surge a atenção ao antiespecismo (Oliveira, 2021) — não como apêndice ético, mas como dimensão constitutiva da própria investigação.

Assim, ler Zapata no tempo suspenso do aeroporto foi também a experiência de estar sendo conduzido por esse deslocamento. Seus poemas não apenas falam *sobre* animais: falam *com* eles, falam *desde* eles, criam uma escrita que se faz companhia. Se a etnografia multiespécie nos convida a incluir outros seres como coautores da pesquisa e como partícipes da experiência educacional, a poesia de Zapata já ensaia essa inclusão, já tensiona a fronteira entre humano e animal, entre ciência e fabulação. Ao longo do ensaio, procuro tornar essa tensão útil para a educação em Biologia, sugerindo modos concretos de trabalhar com os poemas em situações de ensino-aprendizagem, como rodas de leitura, diários de campo fabulatórios, debates sobre ética animal e exercícios de reescrita de conceitos ou práticas biológicas a partir das imagens propostas por Zapata.

Porém, antes de nos debruçar sobre minha leitura de Zapata, talvez seja importante explicitar, desde já, duas chaves conceituais que atravessam este texto: especismo e pedagogia. Por especismo, sigo a formulação de Oliveira (2021), que o comprehende não apenas como

preconceito individual contra animais mias-que-humanos, mas como regime estrutural de opressão, enraizado na colonialidade, que organiza hierarquias de valor e legitima a exploração sistemática dos corpos mais-que-humanos como descartáveis, inferiores e sacrificáveis. Esse entendimento será meu ponto de referência para pensar como a ciência moderna e o ensino de Biologia foram moldados por uma lógica especista que naturaliza zonas de abandono.

Por pedagogia, por sua vez, não trato de um conjunto de métodos didáticos ou de prescrições curriculares, mas de algo mais amplo: uma disposição a aprender e a ensinar a partir dos encontros, inclusive com aquilo que desestabiliza. Uma pedagogia, aqui, é sempre relacional, situada e fabulatória — não se reduz a transmissão de conteúdos, mas inclui as práticas de atenção, de cuidado e de invenção que emergem quando humanos e mais-que-humanos se tornam co-educadores. Nesse sentido, falar de pedagogia em diálogo com Zapata é assumir que poesia, espectros, corpos cuír e murmurários coletivos também ensinam, ainda que fora da escola ou contra a lógica bancária do ensino tradicional.

Assim, com essas chaves, o que pretendo neste ensaio é acompanhar alguns poemas de *Uma baleia é um país* como entradas para pensar uma pedagogia fabulatória multiespécie. Interessa-me mostrar como baleias, Laika, caracóis e pássaros, lidos com Ameli, Haraway e Tsing, podem desestabilizar a colonialidade do saber biológico e abrir frestas para imaginar uma pedagogia antiespecista e decolonial.

2. A baleia como país

Quando Zapata escreve sobre como as baleias não têm anatomia, mas geografia, ela, desloca de imediato as coordenadas do que se entende por corpo. A baleia deixa de ser organismo, espécie ou unidade biológica e passa a ser território, fronteira difusa, país não inscrito nos mapas. Vista de cima, ela é uma ilha de pedra flutuando. Esse gesto poético, mais do que uma metáfora, é uma operação epistemológica: recusar a anatomia como centro da descrição científica e abrir a possibilidade de uma leitura geográfica, política, relacional do animal.

Esse deslocamento abre ainda uma chave decolonial para pensar o corpo. A baleia de Zapata, país de fronteiras difusas, deixa de ser organismo fixado pela anatomia e torna-se corpo-território: coexistência de águas, rochas, cantos e histórias. Pensar a baleia como geografia é recusar a ideia de corpo fechado e admitir a vida como campo de forças, atravessada por tensões, contradições e afetos que não se resolvem em síntese. Nesse gesto, a poesia de Zapata opera uma decolonização do olhar biológico, e estendo isso para nos lembrar que a Biologia e seu aprendizado/ensino podem aprender com corpos em fricção — corpos que vibram entre ciência e poesia, entre descrição e fabulação, entre anatomia e território.

No entanto, esses movimentos epistemológico-poéticos de Zapata também podem ser interpretados sob outras chaves. Donna Haraway (2016) poderia chamar esse gesto de *fabulação especulativa*, uma vez que se trata de narrativas que não buscam se validar como



verdadeiras no sentido positivista, mas que criam mundos nos quais seja possível habitar de outra forma. A fabulação não é fuga da realidade, mas intervenção nela — um modo de ensaiar possibilidades de vida em meio às ruínas. Fabular a baleia como país, nesse registro, é um exercício de imaginação política, de aprender com ela não apenas como organismo, mas como comunidade, como lugar, como mundo comum.

Anna Tsing (2015), por sua vez, insiste que habitar o planeta hoje exige atenção às margens, às interdependências, às formas de vida que persistem entre ruínas. É preciso exercitar o que ela chama de *arte de notar*, isto é, a arte de olhar para aquilo que é pequeno, lateral, precário, mas que ainda assim sustenta a vida. Uma baleia, enquanto país flutuante, encarna justamente essa condição de fronteira móvel, de ecologia em trânsito, de comunidade em deslocamento.

Entre Haraway e Tsing, os escritos de Zapata encontram sua força ao não apenas dizer algo novo sobre baleias, mas nos deslocar para que possamos viver *com* elas em outras gramáticas. O gesto poético, lido a partir dessas chaves, torna-se também pedagógico: ensina que imaginar é já habitar, que fabular é também interdependência, e que aprender/ensinar Biologia talvez signifique hoje cultivar esse tipo de atenção especulativa às margens da vida. Em uma disciplina de Licenciatura, por exemplo, a leitura coletiva do poema poderia ser seguida de um exercício em que estudantes reescrevem definições tradicionais de “espécie”, “população” ou “ecossistema” à luz da imagem da baleia-país, explicitando como essa fabulação desloca o vocabulário e as hierarquias implícitas na linguagem da Biologia.

Isso não significa abandonar as produções científicas, mas reconhecê-las como discurso. Como lembra Ferraro (2020), a Biologia sempre foi atravessada por uma epistemologia queer⁴: fundada na biodiversidade, nos arranjos singulares, nos processos de individuação que não cabem em determinismos rígidos. O problema não é a ciência em si, mas seu uso equivocado, instrumentalizado para sustentar regimes de normalidade e exclusão. Admitir a ciência como discurso, nesse sentido, é desarmar sua pretensão de neutralidade e abrir espaço para fabulações e interdependências que a própria vida já realiza. Zapata, ao fabular baleias como países, não nega a Biologia: tenciona-a, desloca-a, reinscreve-a em uma tessitura mais ampla de mundos possíveis.

Nesse sentido, a poesia de Zapata já faz o que a *etnografia multiespécie* propõe: mudar nossa perspectiva. Não olhamos mais para a baleia como objeto de estudo, mas como sujeito-território que nos obriga a reaprender categorias. Esse deslocamento não é apenas conceitual, mas pedagógico. O ensino de Biologia, marcado pela tradição taxonômica, pelo peso dos manuais e das classificações, encontra aqui um desafio: como ensinar uma baleia que não é corpo pesado, mas geografia? Como acolher em sala de aula a ideia de que um animal pode ser pensado como país?

⁴ Utilizo o termo *queer* tal como consolidado em debates teórico-políticos anglófonos e latino-americanos, para designar práticas e perspectivas que desestabilizam normas de gênero, sexualidade e corporalidade, recusando categorias identitárias fixas. Aqui, *queer* funciona menos como rótulo identitário e mais como chave analítica para pensar desvio, indisciplina e desobediência às normas biopolíticas.

E esse desafio toca em algo ainda mais profundo, pois coloca em xeque a maneira como a ciência moderna, atravessada pela colonialidade, construiu suas categorias. O excepcionalismo humano⁵ — essa crença colonial de que os humanos ocupam um lugar separado e superior em relação às demais formas de vida — não é apenas um pressuposto filosófico, mas está inscrito na própria gramática científica. A taxonomia, desde Linnaeus, organizou a vida a partir de um centro humano, que observa, mede, nomeia e classifica os outros seres como objetos (VAN DOOREN et al., 2016). Essa herança colonial se reflete em tudo, inclusive no ensino/aprendizado de Biologia, que frequentemente se apresenta como uma narrativa universal, neutra e progressiva, mas que, na prática, naturaliza hierarquias entre espécies e sustenta a separação entre sujeito (Humano) e objeto (animal, planta, ecossistema). Pensar a baleia como país, nesse contexto, é um gesto de resistência epistemológica pois trata-se de desestabilizar a lógica colonial que fixa fronteiras rígidas para recolocar o ensino da vida em diálogo com mundos que escapam à centralidade Humana e colonial.

Talvez meu ponto aqui, não seja traduzir as imagens de Zapata em conteúdo escolar sob mecanismo tradicional, mas aceitar que o ensino de Biologia pode ser atravessado por fabulações que tensionam sua gramática. Ler a baleia como país é um exercício de descentramento, uma forma de praticar aquilo que Haraway (2016) chama de “ficar com o problema” pois nos permite permanecer na fricção entre ciência e poesia, sem buscar resolver a tensão em uma síntese apaziguadora.

O efeito pedagógico desse gesto não é menor. Uma baleia que se torna país obriga a Biologia a se reconhecer também como geografia, como política, como invenção de mundos. Não é metáfora para embelezar o conteúdo, mas fissura que desestabiliza o modo como pensamos a vida e o ensino da vida. Se a etnografia multiespécie insiste em incluir animais como co-pesquisadores, a poesia de Zapata nos convida a vê-los como co-educadores: não apenas objetos de aprendizagem, mas territórios que nos ensinam a reaprender o que é viver junto.

Em termos de prática docente, isso pode significar, por exemplo, propor a estudantes da Educação Básica uma sequência didática em que se combinam leitura do poema, investigação sobre a ecologia das baleias e produção de mapas afetivos: em vez de apenas localizar rotas migratórias em mapas físicos, a turma pode cartografar “geografias de cuidado” em torno das baleias, conectando exploração comercial, mudanças climáticas, ruído oceânico e formas de resistência. A baleia-país torna-se, assim, uma figura que articula conteúdos curriculares de ecologia, debates ético-políticos e exercícios de imaginação.

Cabe ressaltar que esse deslocamento evidencia, também, os limites do modo como a ciência moderna estruturou suas categorias. O ensino de Biologia, ao se apoiar fortemente na tradição taxonômica, carrega consigo as marcas do excepcionalismo humano e da colonialidade

⁵ em maiúscula, refiro-me ao ideal normativo de humano - que é branco, cisgênero, magro, sem deficiências, heterossexual, entre outros - e não necessariamente a uma suposta “espécie humana”. Isso pois, seres humanos que escapam a esse ideal, muitas vezes são tratados moral e politicamente como menos-que-humanos, sub-humanos, sendo muitas vezes animalizados.

do saber. Ao classificar a vida em tabelas, nomes e hierarquias, a ciência construiu um regime epistemológico em que o Humano observa e domina, enquanto os demais seres ocupam o lugar de objetos passivos. Essa gramática não é neutra pois ela traduz uma visão de mundo que separa sujeito e objeto, humano e animal, cultura e natureza, sustentando a centralidade Humana como medida de todas as coisas. A baleia de Zapata, ao contrário, rompe essa lógica. Como país de fronteiras móveis, ela revela que a vida não cabe em taxonomias fixas e que o ensino de Biologia pode se abrir a perspectivas que desestabilizam a colonialidade inscrita em suas práticas discursivas.

Reconhecer essas limitações, contudo, não significa negar a importância da taxonomia ou da filogenética. Elas são formas de conhecimento fundamentais, que nos permitem compreender relações evolutivas, reconstruir histórias da vida e produzir ferramentas essenciais para a conservação e para a pesquisa científica. O que está em questão não é sua validade, mas sua centralidade exclusiva. Quando o ensino de Biologia reduz a vida apenas às classificações, silencia outras formas de saber e de habitar o mundo. O gesto poético de Zapata, nesse sentido, não compete com a ciência, mas a desloca, lembra-nos que a vida pode ser descrita em árvores filogenéticas, mas também em poemas, fabulações e geografias que ampliam o horizonte daquilo que entendemos como corpo, território e comunidade.

Nesse ponto, a crítica de Silvia Rivera Cusicanqui (2010) ajuda a alargar a questão. Para a autora, o corpo deve ser pensado como *ch'ixi*: um espaço de tensões não resolvidas, em que diferenças convivem sem se fundir em síntese. O corpo não é unidade biológica fechada, mas território onde múltiplas histórias, violências e resistências se sobrepõem. A baleia de Zapata, vista como país, encarna esse princípio: não organismo anatômico isolado, mas corpo-território *ch'ixi*, coexistência de águas, rochas, cantos e migrações que não se dissolvem numa única forma.

Suely Rolnik (2018) também propõe uma leitura que nos afasta da anatomia fixa. Para ela, o corpo é vibrátil, atravessado por forças, afetos e presenças coletivas que o desorganizam constantemente. Esse corpo não se limita a sua materialidade orgânica, mas é campo de ressonâncias que nos ligam ao planeta e aos outros seres. Ao fabular a baleia como país, Zapata nos conduz a esse corpo vibrátil: uma geografia pulsante, que não se mede em toneladas ou metros, mas em ressonâncias, encontros, fronteiras móveis.

Ao aproximar Zapata de Cusicanqui e Rolnik, percebemos que sua poesia não apenas desloca a Biologia da taxonomia para a fabulação. Ela propõe outra política do corpo: corpos que são territórios, corpos que são *ch'ixi*, corpos que vibram em múltiplas direções. Para o ensino de Biologia, acolher essa perspectiva é aceitar que aprender a vida não é apenas memorizar classificações, mas atravessar-se por outras formas de presença, de coabitação e de cuidado.

3. Outros animais, outras pedagogias

Se a baleia, em Zapata, já desloca o olhar da Biologia para a geografia e para o território, não é a única a fazê-lo. *Uma baleia é um país* é povoado por uma multiplicidade de seres: cadelas, caracóis, aves, tardigradas, rinocerontes e até organismos microscópicos — cada um abrindo uma fresta distinta para pensar o ensino da vida.

Diante dessa constelação, escolho deter-me em três imagens, além da baleia, que particularmente me atravessaram na leitura e que desejo tomar aqui como pontos de partida para reflexão: Laika, a cadela soviética enviada ao espaço; os caracóis, com sua estranha anatomia-cuír; e os pássaros, que se fazem murmúrio coletivo. Não porque os outros sejam menos potentes, mas porque nesses três encontrei uma força capaz de tensionar de modo direto questões pedagógicas, epistemológicas e éticas que atravessam a Biologia e sua forma de ensinar a vida.

No poema dedicado a Laika, a cadela soviética lançada ao espaço em 1957, a poesia encena um retorno espectral. A voz é de Vladimir Yazdovsky, cientista responsável por seu treinamento: “Senti sua falta desde que beijei seu nariz frio antes de apertar o cinto... Oferecemos sua vida como prova da nossa. O sucesso foi enorme e absurdo. Laika, Limonchik, cacheadinha: esquecerrei o que aprendemos, mas não esquecerrei seu nome.” (tradução livre, Zapata, 2023, p. 48–49).

Aqui, o animal não aparece como “cobaia”, mas como sujeito que retorna e exige ser lembrado. Laika é espetro pedagógico, memória incômoda que denuncia a violência especista da ciência moderna. O fantasma de Laika encarna o que Jacques Derrida (1993) chamaria de *hauntologia*: uma presença que não se deixa apagar, que insiste em perturbar a narrativa triunfalista da ciência.

Esse assombro não é apenas lembrança, mas gesto político. A *hauntologia* de Laika desestabiliza o progresso científico ao revelar o que ficou oculto. O corpo da cadela flutua como espetro que insiste em ser narrado, não mais como dado experimental, mas como vida que pesou, sofreu e morreu. Como escreve Derrida, todo fantasma “pede justiça” — e Laika nos interpela a repensar o que significa fazer ciência com e contra os outros seres.

Nesse ponto, a filosofia animalista que venho desenvolvendo junto a minha maior aliança selvagem, Anahí Gabriela González (GONZÁLEZ; DAVIDSON, 2022), radicaliza essa crítica. Para nós, o especismo pode ser interpretado como um regime epistêmico que hierarquiza corpos, naturaliza a exploração colonial e inscreve no coração da Modernidade a equivalência entre animalidade e descartabilidade. Laika, nesse sentido, não é exceção, mas exemplo pungente de como a ciência moderna opera ao sacrificar vidas não humanas em nome do progresso Humano e capitalista. Nós, Anahí e eu, insistimos que a justiça multiespécie exige ultrapassar a lógica do bem-estar (que apenas mitiga a dor sem questionar a estrutura da exploração) para assumir uma ética capaz de reconhecer a agência dos animais e denunciar os sistemas que os reduzem a recurso.



Do ponto de vista do ensino de Biologia, Laika é um convite a reescrever como contamos a história da corrida espacial e da experimentação animal em livros didáticos e aulas. Em vez de apresentar o episódio apenas como “marco científico”, professores podem trabalhar o poema de Zapata em conjunto com documentos históricos e protocolos de pesquisa, abrindo espaço para que estudantes discutam quem pôde ser sacrificado, quem foi lembrado e quem permanece cadáver oculto. Nessa proposta, Laika deixa de ser rodapé trágico para se tornar centro de um debate ético-político sobre ciência, colonialidade e especismo estrutural.

Ao lermos o poema de Zapata nesse registro, percebemos que sua escrita não apenas homenageia Laika, mas expõe a maquinaria especista da ciência e sua continuidade colonial. Laika retorna como fantasma pedagógico porque nos obriga a enfrentar a dimensão política de seu sacrifício. Ela não foi apenas vítima, mas coautora involuntária da história científica, cuja agência — no sentido de Tsing (2015) — não se apaga com sua morte, mas reverbera como memória, afeto e denúncia. Sua hauntologia é também uma pedagogia pois ensina que toda ciência carrega cadáveres silenciados e que o ensino de Biologia precisa aprender a lidar com essas presenças incômodas, a reconhecê-las não como erro do passado, mas como ferida ainda aberta no presente.

Isto é, mesmo morta, Laika age: não por vontade individual, mas porque sua morte continua a reorganizar narrativas, provoca desconforto e exige respostas. É esse tipo de agência distribuída (Tsing, 2015) que o poema de Zapata faz emergir.

Assim, mesmo morta, Laika age. Age porque sua ausência atravessa discursos; porque sua lembrança desestabiliza o mito de progresso científico; porque sua história continua a afetar gerações que aprendem Biologia sem uma perspectiva decolonial e crítica. Mas esse agir não se limita à denúncia. Ele se inscreve no que a etnografia multiespécie (Ameli, 2023) propõe: reconhecer que outros seres não apenas participam da vida, mas transformam nossas formas de conhecê-la. Laika, ao assombrar o discurso científico, age como coautora involuntária e oprimida de uma história que a Modernidade quis contar apenas em chave de conquista humana.

O espectro de Laika, portanto, habita simultaneamente dois registros: o primeiro, o da denúncia de um regime que reduz corpos mais-que-humanos à descartabilidade; o segundo, o da abertura para uma pedagogia multiespécie que exige reinterpretar a ciência com essas presenças em primeiro plano. Sua agência, no sentido que Anna Tsing (2015) dá ao termo, não é a de um sujeito isolado, mas a de um nó em redes de interdependência. Mesmo na morte, Laika força humanos a responder, a lembrar, a recontar.

É justamente aqui que a formulação de Ameli (2023) se torna chave. Para a autora, a etnografia multiespécie exige uma mudança de perspectiva, isto é, abandonar o olhar que fixa o animal como objeto e reconhecê-lo como co-agente, capaz de transformar os rumos da investigação. Ler Laika nesse registro é admitir que ela não foi apenas vítima de um experimento, mas também um ser cuja presença moldou descobertas, protocolos, narrativas e até imaginários espaciais. Sua lembrança devolve ao campo e ao ensino/aprendizado de Biologia um problema incômodo: como ensinar ciência sem silenciar os cadáveres que

pavimentaram suas conquistas? Como narrar a corrida espacial sem reconhecer que ela começou sobre o corpo sacrificado de uma cadela de rua?

Laika, nesse sentido, é contrapedagogia pois a presença espectral de Laika, sob os olhos de Zapata, não ensina nos moldes de uma lição planejada, mas interrompe, denuncia, desestabiliza. Zapata e Laika forçam a Biologia e a educação científica a confrontarem o silêncio sobre a violência que sustenta parte de suas narrativas, lembrando que o conhecimento moderno foi erguido sobre corpos tornados descartáveis. E é justamente dessa recusa que pode emergir uma pedagogia multiespécie. Se a contrapedagogia de Laika expõe o especismo e o excepcionalismo humano, sua lembrança abre espaço para imaginar práticas educativas em que outros seres não sejam objetos, mas co-agentes, co-educadores.

O espectro de Laika, então, convoca a Biologia e a educação científica a se confrontarem com a colonialidade de seus métodos — essa lógica que legitima a exploração de outros corpos (humanos e mais-que-humanos) em nome do progresso. O ensino de Biologia, quando esquece a perspectiva de Laika, naturaliza que vidas animais mais-que-humanas sejam experimentadas, instrumentalizadas, descartadas. Relembre-la, pelo contrário, abre espaço para uma pedagogia que não apenas “ensina sobre” animais mais-que-humanos, mas aprende com eles, inclusive com seus fantasmas, suas ausências, suas resistências silenciosas.

No entanto, a obra de Zapata permite ir desde o extremo da morte espetacular até o ínfimo do cotidiano. Em “*Razões para não pisar um caracol*”, a autora desloca o olhar para aquilo que normalmente passa despercebido. Ela enumera razões pelas quais não devemos esmagar caracóis:

“Porque são machos e fêmeas ao mesmo tempo /
Porque sua concha cresce com eles... /
Porque seu acasalamento dura três horas... /
Porque têm vinte mil dentes microscópicos... /
Porque caminham com o estômago /
Porque sabem amar sem rigidez.”
(tradução livre, Zapata, 2023, p. 87)

O poema mistura zoologia e fabulação, transitando entre dado científico e gesto poético. O caracol emerge como co-educador, não apenas objeto de curiosidade, mas mestre de uma ética menor capaz de ensinar a lentidão, a persistência, a delicadeza. Sua condição sexual — macho e fêmea ao mesmo tempo —, longe de ser uma simples excentricidade zoológica, desestabiliza a naturalização heteronormativa que estrutura parte do ensino/aprendizado e da interpretação mais difundida do discurso biológico. Ao recusar o binarismo sexual como regra, o caracol expõe que a própria vida é cuir⁶, sempre atravessada por arranjos singulares, como lembra José Luis Ferraro (2020).

⁶ Escrevo “cuir” com acento para marcar um deslocamento tanto do termo em inglês *queer* quanto de sua circulação em espanhol como *cuir*. O acento indica uma torção local, uma versão situada e em português, que não busca apenas traduzir, mas fabular a palavra em chave decolonial. Assim como em espanhol *cuir* já é uma apropriação dissidente, em português *cuir* insiste na fricção: não é tradução fiel, mas invenção, uma forma de afirmar que as categorias de gênero e sexualidade também são tensionadas pela colonialidade da linguagem.

É aqui que a leitura pela chave da etnografia multiespécie, como propõe Ameli (2023), ganha força. Para a autora, considerar animais mais-que-humanos como co-agentes e co-educadores exige deslocar a perspectiva pois, ao invés de tratá-los como objetos a serem classificados, aprendemos com eles modos outros de viver e de ensinar. A Biologia, quando ensinada em modelos heterossexual e binário, silencia a diversidade real da vida e reforça discursos que não reconhecem a pluralidade dos corpos. O poema de Zapata devolve essa diversidade em forma de invenção poética e nos lembra que o ensino/aprendizado de Biologia pode (e deve) ser tensionado por outras narrativas, inclusive narrativas cuír.

Além disso, o caracol convoca atenção ao ínfimo, àquilo que costuma passar despercebido. O gesto poético de Zapata opera nessa mesma direção ao transformar um ser minúsculo e banalizado em arquivo de saberes, de sexualidade, de resistência e de cuidado. Assim, o poema rompe o especismo cotidiano que faz do caracol apenas “um bicho a ser esmagado” e revela que o antiespecismo também se constrói no detalhe, na atenção.

Consequentemente, o caracol não é só metáfora ou curiosidade, mas corpo-fronteira e co-educador. Habita um espaço que desmonta categorias coloniais de humano/animal, macho/fêmea, normal/anômalo e nos obriga a repreender como ensinar a vida. Nesse sentido, a pedagogia multiespécie deve incluir os outros seres como co-educadores é aceitar que eles desestabilizam nossas normas coloniais e modernas, deslocando nossas escalas e nos ensinando a aprender com o que é frágil, pequeno e dissonante.

Como insiste Ameli (2023), a **etnografia multiespécie** exige atenção às vozes sutis, àquilo que não grita. Os caracóis não têm canto de baleia, não têm olhar de cão, não ocupam manchetes; no entanto, produzem formas de vida que tensionam a normatividade da ciência e da pedagogia. Nesse sentido, o poema de Zapata se aproxima do que Anna Tsing (2015) chama de arte de notar, esse exercício de atenção às margens, aos ritmos lentos, às existências mínimas que, justamente por sua vulnerabilidade, nos obrigam a repensar nossas formas de convivência.

A pedagogia, então, se desloca. Não se trata de aprender apenas sobre os caracóis, mas de aprender **com** eles. O caracol, sob interpretação de Zapata, ensina que a vida não cabe na dicotomia útil/inútil, que o ínfimo também carrega mundos, que os antiespecismos são tão cotidianos quanto políticos. Ao trazer o caracol para o centro da cena, Zapata nos convida a uma educação que fabula com os minúsculos e, nesse gesto, desestabiliza as hierarquias do humano sobre os outros seres.

O terceiro deslocamento aparece em “Murmúrio”, poema no qual um bando de pássaros, com suas danças nos céus (como fazem os estorninhos) é descrito como organismo coletivo. A multiplicidade dispersa se revela coreografia viva, em que cada movimento singular se integra sem perder sua diferença. O murmúrio, como chamam os biólogos ao movimento em sincronia de estorninhos, não é apenas espetáculo natural, mas prática de vida comum, de interdependência sem centro.

Ameli sugere que incluir animais mais-que-humanos como co-pesquisadores abre espaço para outras formas de conhecimento. O poema de Zapata encena justamente isso, pois

não se trata de observar, como um ornitólogo mais conservador, o bando de pássaros como “objeto”, mas de deixar-se ensinar pela coreografia. Os pássaros aqui não são espécies a serem classificadas, mas coletivos a serem aprendidos e ensinados. Com Tsing (2015), poderíamos dizer que o murmúrio encarna agência distribuída, já que nenhum pássaro lidera, mas todos compõem; não há controle, mas há movimento compartilhado.

Assim, Laika, o caracol e o murmúrio de pássaros oferecem três entradas para pensar uma pedagogia antiespecista e multiespécie. Laika expõe o cadáver oculto no coração da ciência, lembrando que cada conhecimento é atravessado por violências que precisam ser narradas. O caracol desloca o olhar para o mínimo e o cuír, lembrando que a Biologia não é neutra, mas atravessada por corpos que resistem às normas. O murmúrio dos pássaros mostra que a vida não é hierarquia rígida, mas coreografia distribuída, onde a agência é relacional.

4. Considerações finais

A leitura de Zapata, atravessada pelas lentes de Ameli (2023), Haraway (2016) e Tsing (2015), bem como pela minha própria experiência de leitor em deslocamento, permite perceber como diferentes criaturas fabulatórias — baleias, Laika, caracóis e pássaros — oferecem lições que desestabilizam a colonialidade do saber biológico. Cada um desses seres-poemas se apresenta como ponto de fricção, um lugar em que as certezas da ciência moderna vacilam, denunciando o excepcionalismo humano e o especismo que se naturalizaram como fundamentos da Biologia e da educação mais tradicional.

O efeito pedagógico dessa experiência de leitura — feita no tempo suspenso de um aeroporto, durante horas de espera — não é menor. *Uma baleia é um país* não é apenas literatura: é arquivo multiespécie, um repositório de fabulações que exige repensar as próprias práticas do ensino da vida. O livro me lembra que ensinar/aprender Biologia hoje significa deslocar-se — do humano para o mais-que-humano, do animal mais-que-humano como objeto para o animal como co-educador, da taxonomia rígida para a fabulação que inventa mundos comuns.

Se voltarmos o olhar para o conjunto, percebemos que *Uma baleia não é um país, não* é apenas um livro de poemas sobre animais mais-que-humanos, mas um gesto de invenção pedagógica. Cada criatura convocada por Zapata abre uma lição distinta, que juntas compõem algo como um currículo fabulatório multiespécie. A baleia, fabulada como país, nos ensina o deslocamento: abandonar a anatomia como medida única e aceitar que um corpo pode ser também território, geografia, fronteira móvel. Laika, espectro da cadeia espacial, devolve a dimensão da violência especista que sustenta a ciência moderna, obrigando a Biologia a narrar não apenas seus feitos, mas também os cadáveres sobre os quais construiu suas certezas. O caracol, mínimo e cuír, nos força a repreender com aquilo que passa despercebido: sexualidades não binárias, tempos lentos, vulnerabilidades que resistem sem rigidez. O murmúrio dos pássaros, por fim, revela que a vida é coreografia coletiva, agência distribuída, fricção que

produz mundos em comum.

Os poemas em questão, lidos em conjunto com a perspectiva educacional de Ameli (2023), encenam aquilo que a etnografia multiespécie propõe, isto é, mudar a perspectiva, reconhecer a agência dos animais mais-que-humanos, tratá-los como co-agentes da produção de conhecimento e, no caso do aprendizado, como co-educadores. Do ponto de vista do Ensino de Biologia, isso significa deslocar o foco exclusivamente conteudista e abrir espaço para práticas em que estudantes possam experimentar esse “aprender com”: ler poemas ao lado de textos científicos, produzir seus próprios relatos multiespécies, revisitar experiências de laboratório à luz das presenças fantasmáticas e cuir que foram silenciadas pela normatividade e colonialidade que ainda impregna o discurso científico.

Em diálogo com Tsing (2015), os poemas de Zapata desdobram a arte de notar, uma atenção paciente às interdependências, às margens, ao que insiste apesar da ruína. Ler sobre caracóis, aves, baleias e cadelas neste registro é aceitar que a vida não se organiza a partir do centro Humano, mas nas franjas, nos encontros improváveis, nos ritmos outros. Tsing nos lembra que agência não é atributo de sujeitos isolados, mas circulação em redes frágeis, que só se tornam visíveis quando afinamos o olhar para os detalhes quase imperceptíveis. Zapata, nesse sentido, é prática dessa arte de notar e a leitura de seu livro, no espaço suspenso de um aeroporto, me ensinou que também eu precisava aprender essa atenção. No intervalo forçado de um voo atrasado, cercado de vozes e corpos cansados, percebi que aquele tempo improdutivo era também oportunidade para escutar devires mínimos: o rumor das páginas, o ritmo das frases, os animais mais-que-humanos fabulados que me atravessavam.

Já em diálogo com Haraway (2011), os poemas de Zapata mostram que fabular não é fugir da realidade, mas insistir em habitá-la de outras formas. A fabulação especulativa não promete mundos ideais nem se contenta em denunciar o presente: ela inventa condições para viver nele, mesmo em meio às ruínas. Foi exatamente isso que senti no aeroporto, quando o atraso de seis horas suspendeu qualquer expectativa de controle. Assim como Haraway propõe “ficar com o problema”, eu me vi forçado a habitar aquele problema — a espera, a fricção do tempo improdutivo — e, nesse habitar, a fabulação de Zapata me ofereceu companhia. As baleias-país, Laika-espelho, os caracóis cuir e os pássaros-coreografia me ensinaram que há mundos possíveis mesmo quando tudo parece paralisado. Talvez esse seja o maior gesto pedagógico da leitura, o de aprender que fabular não é anestesia, mas prática de sobrevivência, invenção de mundos comuns mesmo no não-lugar de um aeroporto.

O que emerge desse ensaio fabulatório não é, obviamente, um manual didático, mas um convite a outro modo de pensar o ensino/aprendizado de Biologia. Um modo que não nega a importância da taxonomia ou da filogenética, mas que recusa sua centralidade exclusiva. Um modo que se deixa afetar pelas fabulações poéticas, pelas vozes espetrais, pelos corpos cuir e pelas coreografias coletivas. Um modo, enfim, de aprender a vida não apenas como classificação, mas como convivência. Nesse sentido, as propostas esboçadas ao longo do texto — uso dos poemas em disciplinas de Licenciatura, elaboração de sequências didáticas fabulatórias, exercícios de reescrita conceitual e cartografias afetivas — são apenas esboços de

um campo mais amplo de experimentação, que convido professoras/es de Biologia a explorar, adaptar e tensionar a partir de seus próprios contextos.

Talvez seja esse o gesto pedagógico mais radical que a poesia de Zapata nos oferece, o de fabular animais mais-que-humanos não como metáforas humanas, mas como mundos em si, capazes de nos ensinar a descentrar o olhar, a questionar a colonialidade do saber, a resistir ao excepcionalismo humano. Uma pedagogia fabulatório-multiespécie é, nesse sentido, prática antiespecista e decolonial pois não se orienta pela lógica do domínio, mas pela aposta de que viver e aprender significam coabitar — em fricção, em vulnerabilidade, em atenção mútua e em imaginação partilhada.

Se falo “pedagogia” aqui, trato-a de forma ampla. Pois o que Zapata nos oferece não é um programa de ensino, mas uma pedagogia em sentido ampliado, uma pedagogia que não cabe na escola bancária, que não se limita à sala de aula, que acontece também em aeroportos, em ruínas, em bibliotecas, em encontros fortuitos com um poema ou com um animal mais-que-humano. Pedagogia como disposição a ser afetada, como arte de aprender com aquilo que nos atravessa e nos desestabiliza. Nesse registro, o livro de Zapata não instrui, mas convoca; não transmite, mas fabula; não ensina conteúdos, mas abre mundos. E talvez seja isso, afinal, o que pode significar uma pedagogia multiespécie... não método positivista, mas prática de atenção e de cuidado, sempre situada, sempre aberta ao inesperado.

Referências

- AMELI, A. *Multiespecies ethnography in educational research*. [S.l.]: Springer, 2023.
- CUSICANQUI, S. R. *Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. Trad. Helena Villagra. São Paulo: n-1 edições, 2010.
- CUSICANQUI, S. R. *Un mundo ch'ixi es posible*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2024.
- DERRIDA, J. *Spectres de Marx: l'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée, 1993.
- FERRARO, J. L. “Toda biología es queer”. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, v. 3, n. 1, p. 25-40, 2020.
- GONZÁLEZ, A. G., & DAVIDSON, M. (2022). Alianzas salvajes: Hacia un animalismo decolonial, transfeminista y anticapacitista. *Desbordes*, 13(1), 11-54. <https://doi.org/10.22490/25394150.6775>
- HARAWAY, D. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- OLIVEIRA, F. A. G. Especismo estructural: los animales no humanos como un grupo oprimido. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, Córdoba, v. 8, n. 2, p. 182-

207, dic. 2021.

PLUMWOOD, V. *Environmental culture: the ecological crisis of reason*. London: Routledge, 2002.

ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SOURIAU, Étienne. *El sentido artístico de los animales*. Tradução de Pablo Ariel Ires. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Cactus, 2022.

TSING, A. *Friction: an ethnography of global connection*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

TSING, A. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

VAN DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. *Multispecies studies: cultivating arts of attentiveness*. *Environmental Humanities*, v. 8, n. 1, p. 1-23, 2016.

ZAPATA, Isabel. *Una ballena es un país*. Buenos Aires: Rosa Iceberg, 2023.

Recebido em agosto de 2025
Aceito em dezembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Graciela Hopstein
E-mail: ghopstein@gmail.com